



DESCONHECIMENTO, PRECONCEITO OU OBJEÇÃO DA CONSCIÊNCIA: A RECUSA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA POR MÉDICOS RESIDENTES



Alessandra Rodrigues Fiúza², Nelson Filice de Barros¹

¹ Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde (LAPACIS)/DMPS/FCM/ UNICAMP;
² Estudante do curso de medicina/FCM/UNICAMP (e-mail: alerfiuza@uol.com.br)

Este trabalho foi desenvolvido com bolsa PIBIC

Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, CEP 13083-887, Campinas, SP, Brasil.

Palavras-chave: Homeopatia; Pesquisa Qualitativa; Preconceito.

INTRODUÇÃO

A medicina homeopática foi reconhecida como especialidade médica pelo Conselho Regional de Medicina em 1980 e, segundo levantamento realizado pelo convênio Fiocruz/CFM, dentre 61 especialidades analisadas, é considerada a 16ª com maior contingente de profissionais. Apesar da legitimidade de sua atuação, essa especialidade ainda figura entre uma das Medicinas Alternativas e Complementares (MAC) que estão à margem do meio acadêmico. (Teixeira, 2004; Teixeira, 2005)

A partir de levantamento de pesquisa exploratória realizada por Salles (2008) observa-se o panorama recente e abrangente da inserção da homeopatia na graduação médica no Brasil. Do total de 115 faculdades de Medicina do País, 35 faculdades não oferecem qualquer atividade em Homeopatia e 17 oferecem atividades relacionadas à Homeopatia. (Salles, 2008)

Somados ao aumento da procura da especialidade homeopática e ao início de sua inserção na graduação, temos a aprovação e publicação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde, em maio de 2006, pelo Ministério da Saúde, que propõe a inserção da homeopática em todo o território nacional. (Salles *et al*, 2009)

Assim, a importância dessa pesquisa, por um lado, está na necessidade de se discutir a marginalização da homeopatia e os desafios da convivência com a diferença no ensino e na assistência médica. Por outro lado, na construção de ambientes sociais que permitam a coexistência na sociedade brasileira de distintas tradições, alicerçadas em diferentes princípios ou visões de mundo, que podem auxiliar nos processos de prevenção e promoção da saúde, além de garantir a ética de disponibilizar todas as terapêuticas possíveis aos pacientes. (Barros, 2008)

Diante a essas implicações, esse estudo visa analisar os motivos para a recusa dos médicos residentes à inclusão da homeopatia na graduação médica, a partir dos resultados da pesquisa intitulada "Percepções dos médicos residentes da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP", realizada em 2008/09, em que dos 176 médicos residentes entrevistados 48,9% se mostraram contra a inserção da homeopatia no currículo das graduações de medicina. (Fiúza *et al*, 2009)

METODOLOGIA

Este estudo complementa o projeto de caráter quantitativo anteriormente realizado e citado acima, no qual identificamos uma importante dicotomia entre a aceitação e a negação do ensino da homeopatia na graduação. Assim, construímos o pressuposto de que os 48,8% de negações podem ser explicados com base em: desconhecimento, preconceito e objeção de consciência.

A consulta à literatura sobre esses três conceitos permitiu-nos identificar: nenhuma referência sobre desconhecimento e Medicinas Alternativas e Complementares (MAC); 37 referências sobre preconceito e MAC (9 referências sobre preconceito e homeopatia); e 77 artigos sobre objeção de consciência, relacionados à eutanásia, aborto e medicação, mas nenhuma relacionada a MAC.

Com base nessa literatura define-se:

- Desconhecimento: os médicos desconhecem a homeopatia, seus princípios e seu reconhecimento como especialidade médica;
- Preconceito: os médicos categorizam a medicina homeopática a partir de generalizações expressas por experiência pessoal ou por imposições do meio acadêmico, o qual se mostra contrário a essa prática antes mesmo de conhecê-la ou estudá-la.
- Objeção da consciência: os médicos se recusam a conhecer a homeopatia ou a inclui-la no currículo porque a julgam como uma prática imoral, que contraria os seus princípios éticos e/ou os princípios da ética médica.

No presente estudo, partimos de uma quantidade com o fim de qualificá-la e para isso adotamos técnicas de coleta e análise de dados qualitativos, que foi escolhida por possibilitar uma análise interpretativa sobre a recusa dos residentes quanto à homeopatia. Adotamos nesse estudo a entrevista semi-estruturada, feita por meio de roteiro de entrevista, em que tanto as perguntas como a seqüência de sua aplicação foi feita igualmente a todos os entrevistados. Assim, pudemos, posteriormente, comparar as respostas, facilitando a organização, codificação e análise dos dados. (Pope C., Mays N, 2009 Ulim *et al*, 2006)

Os sujeitos entrevistados foram identificados entre os 86 médicos residentes desfavoráveis à inclusão da homeopatia na graduação médica, do projeto "Percepções dos médicos residentes da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP". Após cruzamento dos dados com a lista de médicos residentes matriculados no ano de 2010, identificamos apenas 23 presentes nos programas de residência médica da FCM/UNICAMP.

Dos 23 residentes, todos foram contatados e 20 entrevistados, sendo que uma foi a entrevistada-teste que possibilitou a revisão do roteiro e finalização do mesmo. Portanto, foram 19 entrevistas realizadas para a análise do estudo. Cada participante foi contatado pessoalmente nas dependências do Complexo Hospitalar da FCM/UNICAMP e recebeu o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa, parecer nº 136/2010.

As entrevistas gravadas foram transcritas, codificadas e analisadas por um autor e checadas pelo outro. A análise dos dados foi temática, cumprindo as etapas de separação por tema, identificação de relações entre eles e categorização dedutiva a partir dos pressupostos: a) desconhecimento; b) preconceito; e c) objeção de consciência (Pope C., Mays N, 2009)

RESULTADOS

Os médicos residentes participantes cursam 15 especialidades médicas diferentes. As características da população estudada mostram que: 47,37% são do sexo feminino e 52,63% do sexo masculino; a idade varia de 26 a 31 anos; o ano de conclusão do curso médico varia de 2002 a 2007, com prevalência 2006-2007 (79%).

A maioria dos entrevistados (57,9%) são formados na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e 42,1% formados em outras 7 instituições, são elas: Universidade de São Paulo - Campus São Paulo (FMSP-USP) com 2 entrevistados e as demais com 1 entrevistado cada: Faculdade de Medicina de Marília-SP (FAMEMA), Universidade Federal do Paraná - Curitiba (UFPR), Faculdade de Medicina de Jundiaí - SP (FMJ), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Campina Grande/ PB (UFCG) e Universidade do Vale do Sapucaí - Pouso Alegre/MG (UNIVAS).

Desconhecimento

O desconhecimento dos médicos quanto à homeopatia, seus princípios e seu reconhecimento como especialidade médica não foi um tema prevalente nas entrevistas e, em alguns momentos, este se sobrepôs ao preconceito. No entanto, categorizamos como desconhecimento quando os médicos reconheciam e atribuíam à falta de informação a recusa da inclusão da homeopatia na graduação médica.

Os trechos que seguem ilustram o desconhecimento da homeopatia por alguns médicos residentes.

Entrevistador (E): *O que você acha mais negativo na homeopatia? Residente (R):* "Na verdade eu não conheço muito pra ter muito o que falar. É aquilo que eu te falei a gente não tem base. A gente tem idéia de que a homeopatia é um monte de gotinhas, de coisas naturais ou não, mas a gente na verdade, a gente não é habituado a dar muito crédito na parte farmacológica do negócio, entendeu? A gente vê na prática." (1 - médica, 29 anos)

(E): *Você se baseia em alguma evidência para identificar esse ponto negativo da homeopatia?*

(R): "(...) o que eu tô dizendo é uma opinião minha, exatamente por não conhecer tanto, talvez até por desconhecimento meu mesmo, eu acho que ainda não apóio plenamente a homeopatia, mais uma vez, não é definitivo. Mas evidência firme, se eu me baseio em determinadas coisas pra isso, não." (11 - médico, 28 anos)

Destaca-se nesses extratos a auto-análise negativa dos entrevistados quanto aos seus conhecimentos sobre homeopatia, pois afirmam explicitamente não possuírem conhecimentos suficientes para falar sobre o assunto, no entanto, apesar disso, afirmam não acreditar na homeopatia, da mesma maneira.

Os entrevistados justificaram a falta de informação sobre a homeopatia por: 1) a falta de disciplinas sobre homeopatia na graduação médica; 2) o não interesse no assunto; 3) a falta de publicações sobre o tema no Pubmed; e 4) o não reconhecimento da homeopatia como algo médico, portanto, como especialidade médica.

No entanto, percebe-se que o desconhecimento, apesar de presente em algumas entrevistas não foi o fator prevalente da recusa dos médicos, pois embora explicitem a falta de informação, também, percebem a falha que seu próprio julgamento denota.

Preconceito

Ao contrário do desconhecimento o preconceito foi o tema mais prevalente nas entrevistas, sendo a categoria de maior destaque na análise dos dados. Os médicos partem de generalizações expressas por experiência pessoal ou por imposições do meio acadêmico, mostrando-se contrários a essa prática antes mesmo de conhecê-la ou estudá-la. O preconceito foi expresso de diferentes formas nas entrevistas de 16 residentes e os trechos de seus discursos que seguem apresentam essas diferentes expressões do preconceito contra o sistema médico homeopático.

(P): Porque eu não acredito na teoria da homeopatia.

(E): *Com base em que evidência você identifica esses pontos negativos da homeopatia?*

Com base na prática clínica mesmo. (...) Eu nunca peguei assim de eu sentar e ler um estudo, já ouvi comentários de estudos que fizeram que nunca conseguiram comprovar a eficácia da medicação homeopática. Eu nunca peguei um estudo pra ler mesmo e nunca me interessei nem em procurar. (Preconceito na forma de crença pessoal) (3 - médica, 27 anos)

(E): *E pra você o que é mais negativo da homeopatia? E o porquê?*

(R): Na maior parte dos casos não é negativo nem positivo. (...) E o principal negativo são pacientes que atrasam o tratamento convencional ou recusam o tratamento convencional para se tratar com homeopatia ou com qualquer outra medicina alternativa.

(E): *Com base em que evidência você identifica esses ponto negativo?*

(R): Sim, já veio pacientes que largaram o tratamento. E recentemente teve um filho de um médico homeopata na Austrália que morreu porque ele era homeopata e recusou a tratar o filho com tratamento convencional. Inclusive ele foi condenado, cadeia!, por não ter tratado o filho adequadamente. (...) (7 - médico, 31 anos)

(R): Porque eu acho que não tem embasamento científico muito grande. Eu acho que isso num nível de paciente que a gente tem, de baixo nível social, pode ser perigoso, acho que ele pode ser orientado por profissionais não habilitados. (...) Eu acho que a falta de respaldo científico.

(E): *Você se baseia em alguma evidência para identificar esse ponto negativo da homeopatia?*

(R): Experiência pessoal só, nenhuma evidência científica, nada disso. Experiência pessoal, dos meus pacientes. (12 - médico, 28 anos)

(E): *E pra você o que é mais negativo da homeopatia?*

(R): Eu acho que falta de estudos mostrando a eficácia da homeopatia. E eu particularmente não acredito muito não, nos resultados, com a homeopatia.

(E): *Você se baseia em alguma evidência para identificar esse ponto negativo?*

(P): Do que a gente vê, de reportagens, na televisão sobre homeopatia, saiu até aquela reportagem do Fantástico, mostrando que não tinha eficácia homeopatia. Eu tenho alguns amigos, médicos que fazem homeopatia, mas eu não vejo muitos resultados bons com a homeopatia não. (18 - médica, 30 anos)

Evidenciamos que o preconceito parece ser a base da recusa dos médicos à homeopatia, o que os impede de buscar maiores conhecimentos sobre a homeopatia e estudá-la, baseando sua negação essencialmente em sua experiência pessoal.

No entanto, ao justificar a não inclusão da homeopatia no núcleo duro da prática e ensino médico, a maioria se baseia na falta de comprovação científica ou a falta de evidências, principalmente de cunho empírico. O resultado disso é a retroalimentação do preconceito, em que os médicos, por a negarem, não a conhecem e não a reconhecem, assim excluem-na da formação médica, o que reforça o preconceito e a não inclusão.

Objeção de Consciência

A objeção da consciência é o que faz o indivíduo recusar-se a praticar ou agir segundo determinadas práticas que ele considera impróprias, porque elas contrariam o seu julgamento moral de acordo com suas crenças filosóficas e/ou religiosas. Ele é reconhecido no meio médico, principalmente na ética médica. Nos EUA, o Congresso aprovou a "clausula da consciência", que reconhece como direito dos médicos a recusa da consciência em relação ao aborto e à esterilização e em alguns estados, esse conceito também se aplica a outros temas como contracepção, eutanásia e inseminação artificial. No Reino Unido, a Lei de Aborto de 1967 inclui a clausula da objeção de consciência que permite que médicos se recusem a participar de abortos. (Frader *et al*, 2009; Wicclair, 2000)

Em nenhuma entrevista foi encontrada a recusa baseada na objeção de consciência, já que, por um lado, os médicos a pré-julgam e a negam sem antes conhecê-la e, por outro, eles a desconhecem e a negam por falta de informação.

DISCUSSÃO

Os profissionais entrevistados são, em sua maioria, médicos recém formados com pouco tempo de prática clínica, no entanto, a maioria deles baseia sua recusa no preconceito respaldado pela experiência clínica. Esse fato pode inferir que a experiência em relação à homeopatia não é o fator desencadeante desse preconceito, mas sim a visão biomédica prevalente nos currículos médicos e a baixa inserção da homeopatia nos currículos, que torna a formação médica essencialmente alópata e priva os estudantes de medicina em formação do contato com novas formas de terapia e de cuidado.

Apesar de ter analisado prioritariamente a microesfera dos médicos formados na UNICAMP podemos ampliar essa análise para as outras escolas citadas no estudo, já que, nenhuma escola de onde vieram os entrevistados apresenta disciplina de homeopatia em seu currículo médico. Dessa forma, os entrevistados não tiveram esclarecimentos e conhecimentos quanto a essa prática dentro do meio acadêmico, o que pode reforçar essa recusa. (Salles, 2008)

Muitos entrevistados recusam a homeopatia baseados na falta de evidência da homeopatia, buscando respaldo na medicina baseada em evidência. Esse achado está coerente com os achados encontrados em alguns artigos e editoriais, em que se evidencia essa justificativa como recorrente entre médicos alópatas que negam a homeopatia. (Milgrom, 2009; Sierpina 2010)

No entanto, diante dessa justificativa, deve-se refletir, primeiramente, se realmente a homeopatia não apresenta nenhuma evidência científica. De acordo com metanálise de estudos controlados de homeopatia, os estudos analisados apresentaram grande variedade do uso de medicamentos homeopáticos, qualidade metodológica e demonstraram que dos 105 analisados, 81 indicaram efeitos positivos da homeopatia e em 24 deles, negativo. (Kleijnen, 1991)

Além disso, deve-se analisar que estudos sobre Medicinas Alternativas Complementares (MAC) apresentam difícil acesso às publicações em jornais e revistas médicas convencionais, o que é refletido pela criação de revistas dedicadas às práticas alternativas, integrativas e complementares nos últimos anos. Esse não acesso tem sido justificado pelo fato de as MAC não serem científicas, argumento também utilizado pelos entrevistados. No entanto, se assumirmos que ciência é "observação, identificação, descrição, investigação experimental e discussão teórica de um fenômeno natural", assim não podemos excluir a homeopatia da ciência, já que em sua elaboração por Samuel Hahnemann, no século XVIII, todas essas etapas foram cumpridas, em uma época em que a medicina convencional era baseada no tratamento de eliminação de fluidos como sangrias. Portanto, não se pode esquecer que a biomedicina não é sinônimo de ciência, mas apenas uma faceta desta. (Eskinazi, 1999)

Por outro lado, não se podemos apenas justificar o menor número de publicações de artigos sobre MAC pela recusa das revistas especializadas, mas também por tenderem a apresentar estudos menores e com menor impacto, devido a: a) baixa inserção de profissionais praticantes de MAC no meio acadêmico, que pode levar a um menor treinamento científico; b) falta de financiamento adequado, devido não só ao distanciamento da academia, mas, principalmente, a falta de interesse por parte das indústrias farmacêuticas e das instituições de apoio; e c) falta de cooperação entre cientistas biomédicos e de MAC, devido à grande dicotomia encontrada entre essas práticas. (Eskinazi, 1999)

No Brasil, o distanciamento das MAC com o meio acadêmico é evidente. Apesar de a homeopatia ser especialidade médica há 30 anos e de estar incluída no Sistema Único de Saúde, é pouco inserida nas escolas médicas brasileiras. Este fato mostra como é emergente a necessidade de sua inserção na graduação para que as faculdades ao menos garantam que os médicos saibam não só que a homeopatia é uma especialidade, mas também conheçam seus princípios fundamentais para serem aptos a informar seus pacientes. (Ministério da Saúde, 2006; Salles, 2008)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que o preconceito pode ser o principal fundamento para recusa à inserção da homeopatia na graduação médica, no entanto, essa recusa por parte dos médicos alópatas também leva a não inserção no meio acadêmico. Dessa forma, cria-se um ciclo vicioso de recusa, alicerçado em conceitos do senso-comum, da prática clínica e da experiência pessoal, porém respaldado por uma medicina baseada em evidência.

Dessa forma, os entrevistados, apesar de cobrarem da homeopatia uma evidência científica para o seu reconhecimento, não a utilizam para a recusarem, o que mostra uma clara contradição entre um discurso com uma prática baseada em evidência e uma prática com um discurso baseado em preconceito.

Diante desse cenário, é proeminente a necessidade de debatermos a inclusão da homeopatia nos currículos da graduação médica, para que possamos garantir aos médicos em formação a possibilidade de conhecerem a homeopatia e assim, termos a superação do preconceito enraizado contra essa prática no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- Barros N.F. O Pluralismo Terapêutico e a Coexistência da Diferença. Boletim de Notícias da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. v. 3(10). 2008.
- Broom A. Intuition, Subjectivity, and Le Bricolage: Cancer Patients' Accounts of Negotiating a Plurality of Therapeutic Options. Qualitative Health Research. Agosto. 2009. 19(8):1050-1059.
- Eskinazi D., Muehsam D. Is the scientific publishing of complementary and alternative medicine objective? J Altern Complement Med. 1999. Dec; 5(6):587-94.
- Fiúza A.R., Barros N.F. Percepções dos médicos residentes da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP [relatório de pesquisa de iniciação científica PIBIC]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2009.
- Frader J., Bosk C.L. The personal is political, the professional is not: conscientious objection to obtaining/providing/acting on genetic information. American Journal of Medical Genetics Parts (Seminars in Medical Genetics). 2009. 151C:62-67.
- Gampel E. Does professional autonomy protect medical utility judgments. Bioethics. 2006. 20(2): 92-104.
- Kleijnen J., Knipschild P., ter Riet G. Clinical trials of homeopathy. BMJ. 1991. Feb 9; 302 (6772):316-23.
- Milgrom L.R. The eternal closure of the biased mind? The clinical and scientific relevance of biophysical, infinitesimal dilutions, and the memory of water. Journal of Alternative Complementary Medicine. 2009. Dec -15 (12):1255-7.
- Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. Disponível em <http://dtr2004.saude.gov.br/docs/publicacoes/garantiaopie.pdf>
- Pope C., Mays N. organizadores. Pesquisa Qualitativa na atenção à saúde. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed; 2009.
- Salles S. C. A Presença da Homeopatia nas Faculdades de Medicina Brasileiras: resultados de uma Investigação Exploratória. Revista Brasileira de Educação Médica. 2008; 32 (3): 283-290;
- Salles S. A. C., Schraiber L. B. Gestores do SUS: apoio e resistências à Homeopatia. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro. Jan. 2009; 25(1):195-202.
- Sierpina V.S., Kreitzer M.J. The continuing bias against complementary and integrative healthcare education. Explore (NY). 2010 Jan; 6(1):54-6.
- Teixeira M.Z. Panorama da pesquisa em homeopatia: iniciativas, dificuldades e propostas. Diagnóstico e Tratamento 2004; 9(3).
- Teixeira M Z, Lin C A, Martins M A. O ensino de práticas não-convencionais em saúde nas Faculdades de Medicina: Panorama mundial e perspectivas brasileiras. Revista Brasileira de Educação Médica. Rio de Janeiro Jan/Abril 2004; 28(1).
- Ulim PR, Robinson ET, Tolley EE. Investigación aplicada em salud pública. Métodos cualitativos. Washington: Organización Panamericana de La Salud. 2006.
- Wicclair M.R. Conscientious objection in medicine. Bioethics. 2000. 14(3).

